

O CRISTIANISMO E A GLOTOLOGIA.

1 Ignora-se durante quanto tempo a palavra bárbaro cavou fundo abismo na sociedade humana. Não só os gregos possuíam o termo **bárbaros**, mas também os árias tinham a expressão **varvarah**, a qual no plural era aplicada aos povos ou gentes não arianos. Para os hindus, acrescenta Max Müller, todo o homem que não havia nascido duas vezes, isto é, que não era da casta superior, era **mlechchha** (não ariano, fora da casta, bárbaro); para os gregos aquêle que não falava a sua língua era um **bárbaro**; para os judeus os incircuncisos eram **gentios**; para os muçulmanos, todos os que não criam em Maomé, eram **kiâfirs**, incrédulos ou **ghiaurs**, infiéis adoradores do fogo. Relata-nos o Pe. Schilling que os japonêses do continente asiático oriental e do arquipélago malês quando emigraram para o grupo das ilhas situadas em frente à Ásia Oriental, encontraram um povo diferente de sua língua e raça, que tinha o nome **ainu**. Na sua língua esta palavra significa "homem, homens". Nas ilhas Curibi êles se chamam **aino** e os japonêses os denominavam no princípio **ebeisu**, **emisu** e **emishi**, palavras estas que significam bárbaros.

2 Os antigos, em regra, pouco se ocupavam do estudo das línguas. Os gregos que, com as suas guerras persas, expedição de Alexandre, viagens e comércio, estiveram em contacto com os povos afins, e os romanos que, por seu turno, com as armas se impunham aos povos de então conhecidos, parece que não reconheceram, nem admitiram afinidades de estirpe, nem de língua senão a sua. Havendo êles dado notícias várias e bem detalhadas acêrca dos povos com quem privaram, não nos transmitiram contudo traços ou informação alguma de sua afinidade com os povos de que deram informações. A verdade é que não estudavam as línguas estrangeiras. Entretanto, alguns bárbaros escreviam em grego logo após Alexandre e entre êles contam-se Beroso de Babilônia, Menandro de Tiro e Maneton do Egito. E' coisa que surpreende, observa Fumi, saber que em cidade como Alexandria

sob os Ptolomeus, em Roma, durante o Império, centro êsse para os quais convergiam indivíduos de tôda a parte e que falavam línguas diferentes, no meio de tantos eruditos gregos e romanos, não surgissem alguns que se preocupassem da questão de afinidade entre as línguas faladas. E' verdade que alguns gregos e também pró-cônsules e generais romanos falavam com os estrangeiros de vários países onde se encontrassem, mas, como foi dito, eram poucos e não há registro de que êles se tivessem ocupado de afinidade entre a sua língua e aquela que praticamente falavam. A razão de tudo é que entre êles prevalecia o sentimento de **nacionalidade** ao de **humanidade**, denominando-se a si mesmos "homens" e aos outros "estrangeiros", "bárbaros", "balbuciantes" ou "inferiores".

3 As primeiras observações lingüísticas foram aquelas que conduziram à invenção da escritura fonética. Entre os povos antigos e por motivos práticos, sômente os assírios volveram sua atenção para as línguas estrangeiras, copiando paradigmas gramaticais e listas de vocábulos.

4 O Cristianismo, com a pregação do Evangelho, que significa **boa nova**, substituiu o termo **bárbaro** pelo **irmão**, em obediência ao mandado de Cristo (São Marcos 16: 15): "Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a tôda a criatura", tendo também estabelecido o culto universal (São João 4: 21, 24). Foi o Cristianismo que apresentou ao mundo a idéia perfeita da **fraternidade**, que era então desconhecida pelos filósofos gregos como Platão e Aristóteles, embora o termo existisse. Para a propagação da nova doutrina tornava-se necessário o estudo de novas línguas que lhe servisse de veículo. O orientalista Max Müller data do dia de Pentecostes (Atos 2: 1-11) o verdadeiro princípio da ciência da linguagem. A pregação da nova religião, pois, deu origem à literatura poliglota das versões da Bíblia, que até os nossos dias subministra precioso material à filologia comparada. O Cristianismo foi se propagando pelos missionários em tôda a parte do globo. Necessitando êles, pois, de aprender a língua para expor as novas idéias aos naturais, concorriam destarte com copioso e excelente material para a filologia e a glotologia. A obra dos missionários tem sido um fator importante para o desenvolvimento da glotologia. Desejamos, neste modesto trabalho, dar apenas uma idéia pálida da importância do assunto com o título — **O Cristianismo e a Glotologia.**

5 O Pe. Roberto De Nobile chegou a Gôa a 2 de maio de 1603. Compreendeu êsse missionário que era necessário um preparo sólido da língua tamil, a mais importante de tôdas as línguas dravídicas da Índia meridional, a fim de entrar em contacto com os habitantes e especialmente com a classe culta e elevada. Utilizou-se de uma gramática e de um dicionário de um seu predecessor, o Pe. Enriquez, porém eram trabalhos êsses pouco aperfeiçoados para um estudo profundo de idioma. Querendo êle evangelizar os grandes e nobres, resolveu entrar para uma ordem de brâmanes, fazendo-se brâmane e com a licença do bispo de Cranganore, Monsenhor Roz, conseguiu o que desejava. Durante muitos anos de preparo, sujeitou-se a uma vida dura, “alimentando-se sômente de arroz, leite, ervas, água e uma só vez por dia”. Nessa solidão êle pôde aprofundar-se no conhecimento do tamil e do telugo. Para o fim que tinha em vista, julgou que precisava também aprofundar-se no conhecimento da literatura e para isso estudou o sânscrito, conseguindo um conhecimento tal que lhe permitia discutir com os brâmanes os assuntos mais difíceis sob o aspecto filosófico e religioso. Respondendo aos acusadores que o criticavam, porque avançava demais no método de “adaptação”, êle respondeu com coragem:

“o significado das práticas e das tradições pagãs não se encontram em São Tomás, nem nos Escolásticos, êle só pode ser procurado nos livros próprios das seitas pagãs e ninguém poderá julgar se elas são boas ou más se antes não tiver fielmente e minuciosamente estudado tais obras”
(1).

Do seu prodigioso conhecimento da literatura indiana nos ramos mais diversos possíveis, De Nobile deixou traços inapagáveis na sua obra **Apologia**. Trechos de textos da mais antiga **literatura védica**; outros concernentes ao ritual doméstico; outros, a **lexicografia** ou contidos nos livros tradicionais das várias seitas de Induísmo (Purâna) ou **épicos, jurídicos, românticos, etimológicos, de arte amatória, de medicina**: se encontram nêle fartamente citados. Êle escreveu em versos sânscritos uma **Vida de Maria**; uma espécie de ritual para festas de núpcias; um compêndio de Doutrina Cristã (candam) em 100 estrofes. Seus contemporâneos afirmam ter De Nobile

(1). — Ballini, A., *Il contributo delle Missioni alla conoscenza delle lingue e della cultura dell'India*, in “*Le Missioni Cattoliche e la Cultura dell'Oriente*”, Roma, 1943, pág. 248.

deixado cêrca de 20 volumes em fôlhas de palma, escritos ascéticos na língua telugo e em tamil, contendo (outros) uma **Scientia animae**, uma **Apologia contra probra quae adversus legem Dei ab Ethnicis abruciuntur**, etc.

Os missionários trataram de aprender as línguas populares da Índia para poderem penetrar no espírito, na cultura, nas tradições, no uso do seu povo. Nesse estudo muitos dêles produziram trabalhos notáveis.

As línguas dravídicas foram objeto especial dos missionários jesuítas. Desde o comêço escreveram gramáticas e vocabulários das línguas **tamil**, **malâ-yalam**, **telugo** e da **mundarê** e mais tarde das modernas falas indo-árias **mararthê**, **konkâni** e **gujerâté**.

O Pe. Tomás Stephens (1549-1619) conseguira tal conhecimento do **konkâni** (variedade do **marâthi**, idioma indo-ário, que do Norte de Bombaim penetra nas províncias centrais, coincidindo com as línguas dravídicas **canares**, **telugo** e **gond**) a ponto de escrever uma **História poética do Antigo e Nôvo Testamento** em 11.018 estrofes, poema de alto valor artístico.

O Pe. Constantino Beschi (1680-1747) foi poeta e prosador da língua **tamíl**, tendo escrito vários trabalhos. Em 1842 foi publicado e traduzido para o inglês a sua **Grammatica del dialetto volgare tamilico**, que foi precedida da versão inglesa pela gramática do tamil clássico.

O Pe. Giuseppe Tieffentaller (1710-1785)

“geógrafo e astrônomo tirolês, profundo conhecedor das línguas orientais, entre elas, o indostão, o árabe, o persa e o sânscrito. Ele foi o primeiro europeu que escreveu com exatidão a respeito do Indostão, onde viveu e pregou durante 25 anos”.

E’ considerado o pai da moderna geografia indiana. Escreveu sôbre questões científicas, sôbre a flora e fauna indiana, sôbre matérias religiosas e especialmente sôbre a religião dos parsis; sôbre história; sôbre questão de língua, como vocabulários da língua sânscrita e dos parsis e um tratado da língua dos parsis.

O missionário alemão Henrique Roth, em 1644, tornou-se tão versado em sânscrito, que podia entrar em contacto com os brâmanes. A primeira gramática e o primeiro dicionário da língua sânscrita foram levados à Europa por êle (2).

(2). — Pinard de la Bullaye, *El Estudio comparado de las Religiones*, I, Madrid, pp. 198 a 271.

Em 1740 o Pe. Pons, além de ter dado detalhada descrição dos vários ramos da literatura indiana, recolheu também para a Biblioteca do Rei em Paris, excelente coleção de manuscritos sânscritos.

O Pe. Gastão Coeurdoux (1697-1779) merece uma atenção especial. Homem de cultura, espírito indagador, o qual tendo vivido na Índia 35 anos, conseguira uma soma de conhecimentos largos referentes à religião, à filosofia e à literatura da Índia, mostrou, no trabalho a que vamos nos referir, a afinidade entre o sânscrito, o grego e o latim. Dado o seu interesse pela cultura, mantinha correspondência com vários intelectuais do seu tempo e dentre êles citamos o sábio helenista Abade Barthèlemy e Anquetil Duperson, o célebre tradutor do Avesta, que trouxe novos rumos aos estudos orientais.

Estando o Pe. Coeurdoux em Pondichéry, recebeu em 1763 uma Memória do abade Barthèlemy, em que lhe pedia, entre outras coisas, uma gramática e um dicionário sânscrito e informações gerais sôbre a história e a literatura da Índia. A resposta do sábio jesuíta foi enviada em data de 20 de julho de 1768. O Pe. Coeurdoux junta à sua carta uma espécie de Memória intitulada: **Question proposée à M. l'abbé Barthèlemy et aux autres membres de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres**. Essa questão está concebida assim:

“D'où vient que dans la langue sanscrite, il je trouve un grand nombre de mots que lui sont communs avec le latin et le grec, et surtout avec le latin?”

E' bom notar que à referida questão, êle próprio, Coeurdoux, respondeu, dando as razões ponderadas e desfazendo objeções que pudessem ser feitas em tôrno do assunto.

Esta Memória, que se tornou célebre, foi publicada nas **Mémoires de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres**, t. XLIX, págs. 647-697. Paris (3).

Este trabalho de Coeurdoux merecia um volume, um escrito à parte, tal é a sua importância como prioridade e afinidade no tocante ao sânscrito, grego e latim.

Depois de haver apresentado, em abôno de sua tese, três listas de palavras gregas e latinas que correspondem ao sânscrito.

(3). — O volume está esgotado há muitos anos, pois os glotólogos não o perdem de vista. Devo êste trabalho ao meu amigo Desembargador Dr. Aureo de Cerqueira Leite, cuja filha profa. Hilda Westin Cerqueira Leite, estando fazendo especialização na Sorbonne, Paris, por intermédio de um distinto professor, conseguiu tirar um microfilme da obra. E' dêste que me sirvo.

crito e ter discutido seis explicações possíveis, Coeurdoux pronunciou-se a favor de uma origem comum dessas línguas.

Eis algumas palavras dessas três longas listas referidas acima: **dêvah**, Deus; **mroutam**, mortem; **sarpam**, serpens; **dj-nanam**, generare; **pitâ**, pater; **mâtâ**, mater; **nepti**, nepos; **nâ-vam**, navis; **datam**, dens, dentum; **dânam**, donum; **agni**, ignis; **riti**, ritus; **nava**, novus; **antara**, inter; **na**, non, etc.

Ele não se detém na comparação das simples palavras, mas analisa o aumento silábico, o dual e o a privativo que se encontra tanto no sânscrito como no grego. Coeurdoux serviu-se dos pronomes, que são elementos importantíssimos, para a questão de afinidades lingüísticas. Entre os pronomes êle comparou: **aham**, ego; **mam** e **me**, me; **mahi**, **am**, mihi; **soua** e **se**, se e sui; **touam** e **toue**, tu e te; **tubiam**, tibi; **ke**, qui. Para justificar algumas das suas comparações, êle deu indicações necessárias sôbre a pronúncia de letras indianas. Assim **aham** não tem semelhança à primeira vista com **ego**, mas é preciso observar que o **h** sânscrito é uma letra gutural, tendo um som análogo ao do **g**. Os numerais são também elementos de valor especial para determinar a afinidade das línguas e Coeurdoux serviu-se dêles para o fim em vista, mostrando as notáveis analogias de um a cem em sânscrito, grego e latim.

A inteligência do iluminado jesuíta não se limitou à comparação de palavras apenas, mas notou a correlação das formas gramaticais, como no grego **eimi** indicativo que confronta com o potencial do verbo **asmi** do sânscrito e mais ainda com o latim **sim**. Eis a comparação entre o indicativo e o subjuntivo do verbo auxiliar em sânscrito e em latim: **asti**, est; **asi**, es; **asmi**, sum; **santi**, sunt; **etea**, estis; **smah**, sumus; **siat**, sit; **siam**, sim; **siâ**, sis; **santou**, sint; **siat**, sitis; **siam**, simus.

Coeurdoux procurou resolver a questão, que apresentou à Academia e demonstrou com excelentes razões, ao examinar as diferentes hipóteses, que nem o comércio, nem as relações literárias, nem a catequese, nem a conquista bastariam para dar motivo a êsse fundo comum de palavras que se encontram no sânscrito, no grego e no latim.

Coeurdoux penetrou fundo nessas pesquisas das afinidades lingüísticas, como pode ser demonstrado pela carta posterior, enviada a Barthélemy, fazendo sentir que encontrara outras afinidades entre o sânscrito, o alemão e o eslavo.

As observações do sábio jesuíta nessas cartas, embora dirigidas à Academia de Inscricões em 1767, só foram publicadas em 1808, em apêndice à Memória de Anquetil-Deperron.

Lamentável foi que nem a Academia, nem Anquetil-Duperron, a quem a Memória fôra remetida, dessem a devida atenção às luminosas ponderações do sábio missionário. Sòmente 20 anos mais tarde, depois de ter sido reconhecida a afinidade das línguas indo-européias por William Jones, é que foi publicada a preciosa Memória de Coeurdoux. Foi o filólogo Michel Bréal quem extraiu dos arquivos da Academia o trabalho do desconhecido jesuíta e reivindicou para Coeurdoux a glória de ter sido o primeiro a assinalar não só o laço glótico, mas também étnico que liga os principais povos da Índia, da Pérsia e da Europa (4).

Coeurdoux antecipou 50 anos pelo menos algumas das conclusões mais importantes da filologia comparada. Coeurdoux é o fundador da glotologia indo-européia. **Cui honorem honorem.**

O último dos períodos que pode ser chamado pré-histórico dos estudos indológicos e que abre o caminho à era estritamente científica foi iniciado pelo austríaco carmelita P. Paolino de S. Barthêlemy, que antes se chamava João Filipe Wesdîn, missionário em Malabar desde 1776-1789. Êle aprendeu, com o auxílio de brâmanes, o sânscrito e regressando a Roma, publicou em 1790 uma gramática sânscrita, a primeira publicada na Europa. Nessa obra, além da fonética, da morfologia e da sintaxe, êle, na introdução larga e apreciável, tratou das várias formas da escritura indiana. Essa obra, embora contenha certos erros, dado o início dos estudos indológicos da época, foi considerada por muito tempo instrumento importante para o estudo do sânscrito. O Pe. deu traços sôbre a língua malabárica, figurando dentre as primeiras, depois de Jones, quanto à afinidade do sânscrito com outras línguas indo-européias. Tomando em conta as notícias dadas por missionários que o precederam, criticando severamente a falta de conhecimento do sânscrito por parte dêsses autores, êle aponta as lacunas e as imperfeições. O Pe. Paolino expôs uma obra extraordinária, dado o tempo em que foi escrita. E' considerada a sua melhor obra, fundada sôbre léxicos indianos sôbre a grande Épica e sôbre outros textos originais, a

(4). — M. F. Bopp, *Grammaire Comparée des Langues Indo-européennes*, trad. por Michel Bréal, Paris, 1865, vol. I, XV-XVIII.

respeito de noções de mitologia, de culto e de organização social da Índia.

O jesuíta holandês Hanxleden em 1732 levou a primeira gramática sânscrita à Europa, porém não foi publicada. E o Pe. Barthélemy serviu-se dela para os seus estudos. Hauxleden escreveu também um dicionário malabar-sânscrito-português. Chegou êle a falar a língua malabar e compreender o sânscrito com maior perfeição do que os brâmanes. Hauxleden, a quem se deve o início dos estudos de sânscrito na Europa, conseguiu tais conhecimentos que foi exaltado por Frederico Schlegel como o maior conhecedor de sânscrito do seu tempo. Tratou êle de religião e de mitologia. Escreveu gramáticas e vocabulários inéditos em **mâlôyalam** e uma **vida** poética de Cristo.

Guilherme Carey nasceu a 17 de agosto de 1761, na aldeia de Paulerspury. Antes de sair da Inglaterra, a despeito do seu trabalho árduo, devido à sua pobreza, já havia lido a Bíblia em sete línguas diversas. Carey tinha facilidade em aprender idiomas e sendo homem metódico, conseguiu tornar-se senhor de várias línguas e dialetos da Índia. Para mostrar como aproveitava o tempo, transcrevemos o seguinte trecho de uma carta, enviada a um amigo em junho de 1806 (5):

“Faço-te uma breve descrição dos meus afazeres de hoje, que são uma amostra do modo como ocupo o meu tempo durante metade da semana. Levantei-me às seis menos um quarto, li um capítulo da Bíblia hebraica, estive até às sete orando a sós, e em seguida assisti ao culto doméstico com os criados, em bengalês. Enquanto se fazia o chá li um bocado em persa com o Moanshi, que já estava à minha espera quando sai do quarto; li também antes do almoço um trecho das Escrituras em hindustão. Assim que acabei de almoçar fui à minha tradução de Ramayun, do sânscrito, auxiliado por um **pundit**, que também estava à minha espera, e ocupei-me nesta tarefa até às dez, em que me dirigi para o colégio, onde os deveres do meu cargo me retiveram até depois de uma. Regressando a casa, li as provas de uma fôlha da versão bengalesa de Jeremias, trabalho êste que me ocupou até à hora do jantar. Depois do jantar traduzi, com a coadjuvação do primeiro **pundit** do colégio, a maior parte do oitavo capítulo de Mateus em sânscrito. Só às seis é que terminei essa tradução, e em seguida estive uma hora com um **pundit** de felinga, que me estava ensinando a sua

(5). — G. Heaton, G. Carey, *Heróis da Fé*, trad. de J. S. C., Lisboa, 1909, págs. 20 e 21.

língua. As sete comecei a preparar na mente o meu sermão, e às sete e meia preguei em inglês. Estavam presentes umas quarenta pessoas. Depois do sermão pus-me a traduzir em bengalês o capítulo onze de Exequiel, com que me entreti até perto das onze, e neste momento acho-me ocupado em escrever-te. Tenciono acabar a noite com a leitura de um capítulo do Testamento grego e com uma oração. Em dia nenhum tenho mais tempo ao meu dispor, posto que as occupaões variem”.

A obra principal da vida de Carey foi a tradução das Escrituras nas línguas orientais (6). Durante quarenta anos que trabalhou nas Índias viu êle sair da imprensa de Serampore mais de 213.000 volumes da Palavra de Deus, em quarenta línguas diferentes.

Fundou-se em 1818 o Colégio de Serampore, onde os jovens cristãos ou não cristãos podiam instruir-se na literatura oriental e na ciência européia. Essa instituição foi a primeira das grandes academias da Índia. Carey em 1801 foi nomeado professor de bengalês no Colégio de Fort William em Calcutá e em 1807 foi promovido a lente. Foi também professor de sânscrito e **mahratta**. Eis um discurso feito no Parlamento pelo filântropo William Wilberforce:

“O dr. Carey ocupou outrora uma humilde posição na sociedade, mas apesar de tôdas as desvantagens dessa posição, o seu gênio, assim como a sua benevolência, levou a formar uma sociedade que tivesse por objeto a tornar os naturais da Índia participantes das bênçãos do Cristianismo, e o seu primeiro cuidado foi tornar-se competente para tomar uma parte proeminente nessa empresa, incontestavelmente nobre. Dedicou-se com diligência ao estudo das línguas; e depois de adquirir um profundo conhecimento delas, tratou de iniciar nalgumas línguas orientais e especialmente naquella que julgo é considerada a mãe de tôdas elas — o sânscrito — que conhece melhor do que o próprio Sir William Jones ou de qualquer outro europeu. De algumas dessas línguas tem êle já publicado gramáticas, de uma ou duas delas o dicionário, e tem em projeto obras de maior fôlego. Em todo êsse tempo êle tem sido incansável no seu trabalho de missionário, demonstrando um entusiasmo e um zêlo só comparável aos que demonstra nas suas labutações literárias”.

(6). — **Monies Williams, The study of sanskrit in relation to missionary work in India, in Inaugural lecture. Oxford, 1861, pág. 54.**

Como dissemos, Carey foi professor de sânscrito, bengalês e **mahratta** no Colégio Fort William em Serampore. Ele publicou várias gramáticas, instrumento apreciável para o estudo das línguas. Citemos êsses trabalhos, alguns esgotados há muito tempo: **A Grammar of the Bengalee**, Serampore, 1805; **A Grammar of the Mahratta Language: to which are added dialogues of familiar subjects**, Serampore, 1808; **Dictionary of the Mahratta language**. Serampore, 1910. **A Grammar of the Chrédjé-lehâchâ**, Calcutá, 1811; **A Grammar of the Renjahee language**, Serampore, 1812; **A Grammar of the Telinga language**, Serampore, 1814; e outros trabalhos como sejam o **Ramâyâna**, a primeira tradução inglêsa. Citamos de modo especial a sua **A Grammar of the Sanskrit language**, Serampore, 1806. E' com razão que Langles (7) chama êste trabalho "une savante et immense grammaire Sanskrite". Esta é raríssima. Eu possuo o exemplar que pertenceu à Biblioteca do célebre indianista Eugênio Burnouf, o descobridor da língua zenda. Sòmente existe uma gramática escrita em inglês anterior a de Carey, é a de Colebrook, denominado "o fundador da filologia sânscrita". **A Grammar of the Sanscrit Language**, Calcutá 1805. Livro notável êste porque é baseado especialmente na célebre gramática de Pânimi do século III a. C.

O abade Gaspare Gorresio nasceu em Bagnasco em 20 de junho de 1808. Estudou sânscrito com Eugênio Burnouf. Em Turim ocupou a cátedra de língua e literatura sânscrita, a primeira dêste gênero na Itália. Publicou várias obras de valor, como seja a **Uttaracanda**, 1871, tradução. A sua obra principal porém é a tradução do **Râmâyana**, 10 volumes com texto sânscrito. Levou cêrca de 30 anos nesta obra e foi a primeira tradução feita na Europa. Era digna esta tradução do **Râmâyana**, porque é um monumento que Mialelet denomina:

"Immense poème, vaste comme la mer des Indes, beni du soleil, livre d'harmonie divine où rien ne fait dissonance, la Bible de la santé, la mer de lait".

Para não falar de muitos outros que se ocuparam da língua sânscrita, fundamento da gramática comparada e que está para com a filologia como as matemáticas para a astronomia, lembramos ainda o Pe. Dalgado, falecido há pouco, e a quem devemos, além de outras obras preciosas, o excelente

(7). — Langles, *Travaux Littéraires des Missionnaires Anglais*. Paris, 1817, pág. 42.

Glossário Luso-Asiático, livro indispensável para o filólogo português.

Roberto Caldwell nasceu em Antim a 7 de maio de 1814. Estudou em Dublin e Glasgow. Interessou-se pelas pesquisas de filologia comparada, mesmo quando a vocação, manifestada desde pequeno, o tornou missionário. Chegou a Madras em 1838 e começou a estudar o idioma tamil. Tendo-se filiado à Igreja Anglicana, em 1877, foi eleito bispo em Tinnevely, havendo-se interessado muito pelo trabalho das missões. Caldwell ocupou-se da versão do tamil da Bíblia. Publicou vários textos sânscritos encontrados na Índia Meridional. Publicou vários trabalhos. O estudo das línguas não arianas deve muito a êle. Distinguiu-se êle de modo particular na glotologia dravidiana. Publicou a sua obra de folêgo a **A Grammar of the Dravidian**, 1856, de que foram tiradas várias edições. A despeito de falhas, essa obra é ainda hoje considerada o fundamento da gramática comparada desse grupo de línguas. Assim como Bleek é chamado o Bopp das línguas bantus, Caldwell teve o merecimento de ser o fundador da glotologia dravídica.

6 Frei Giovanni do Montecorvino, depois de ter trabalhado na Armênia e na Pérsia, foi enviado à China por Nicolau IV. Êle chegou a Khambaliken em 1294. Mais tarde foi nomeado Patriarca de todo o Extremo Oriente. Traduziu na língua mongólica o Missal, o Saltério e o Nôvo Testamento.

De grande valor para o conhecimento da língua japonêsa dos séculos XVI e XVII são obras dos jesuítas publicadas pela sua imprensa japonêsa em tipos latinos, japonêses e sino-japonêses (8), especialmente os dois dicionários: **Dictionarium Latino Lusitanicum, de Japonicum, ex Ambrosii Calepini volumine depromptum** (Amacusa, 1595) e o **Vocabulario da lingua de Japam com a declaração em Português**, feito por alguns padres, e Irmãos da Companhia de Jesus (Nagasaqui, 1603-1604). Êste com cêrca de 30.000 vocábulos e as duas gramáticas: J. Rodriguez S. J., **Arte da lingoa de Japam** (Nagasaqui, 1604-1608) e J. Rodriguez S. J., **Arte breve da lingoa Japoa** (Amacas, 1620).

Cassiano Beligatti publicou o **Alphabetum Tanguticum** que serviu de base ao **Alphabetum Tibetanum** de Georgi e um missionário redigiu um dicionário tibetano, que foi adquirido em

(8). — P. Giorgio O. Schurhammer, **Il contributo dei Missionari Cattolici nei secoli XVI e XVII alla conoscenza del Giappone in le Missione Cattolice e la cultural de Oriente**, Roma, 1942, pág. 131.

Bengala por Latter e traduzido em inglês. Foi publicado por Schrötez em Serampore em 1826 (9). Csoma de Körös foi considerado o fundador da filologia tibetana.

Alexandre de Rhodes foi o primeiro grande lingüista da língua anamita. Escreveu o **Dictionarium Annamiticum Lusitanum et Latinum**, publicado em Roma, 1651, com uma gramática apenas. Aperfeiçoou também “o racionalista” como observa Henri Bernard S. J., a romanização da língua anamita, o **Quôc-ngú**. Ele próprio declara:

“Statuimus in omnibus iis libris, quos hac lingua conscriberemus, apponere certam ac propiam specialis accentus et toni notam”.

Ele não é o autor do **Quô-ngú**, mas pelos acréscimos que fez, facilitou muito o estudo da língua tanto pelos nativos como pelos europeus e o seu método até hoje se impõe.

A. Barbosa publicou o **Dictionarium annamiticum** e Manuel Ferreira o **Dictionarium lusitano-annamiticum**, trabalhos êsses que permaneceram inéditos. Inédita também é a obra de Th. Valguarnero S. J., **Dictionarium Linguae Siamensis**.

De fundo lingüístico são os trabalhos de Mons. Laneau M. E. P., **Dictionnaire Siamois** e **Dictionnaire Balli et Latin** inéditos, e Pierre Langlois M. E. P., **Dictionnaire annamite**, e **Grammaire en langue annamite**, também não publicados.

Outras obras se citam como escritas pelos missionários: Philipp Sibin S. J., **Manuctis ad linguam tunkinensem**; o Pe. Juan de S. Cruz publicou **Quatro vocabulários anamíticos e castelhanos** e uma **Gramática anamita**; e Pe. Feliciano Alonso O. P., **Dictionarium Latino-Annamiticum**.

Inéditas são as obras de Francisco Hermosa de S. Buenaventura O. H. M., **Diccionario Castellano-Siamitico** e **Diccionario Castellano-Annamitico**. Reeditado foi o precioso **Dictionarium Annamitico-Latinum**, publicado em 1838 por Taberd.

Pallegoix no campo lingüístico publicou **Grammatica Linguae Thai**, Bangkok, 1850; **Introduction to the Siamese Language; English Siamese Vocabulary; Dictionarium Linguae Thai**, Bangkok, 1850; **Dictionarium Linguae Thai, Interpretatione Latina Gallica et Anglica**, Paris, 1954. A Dourisboure devemos o **Dictionnaire Bahnar-Français**, Hong-Kong, 1889. Inédito é o **Dictionnaire Cédang-Rongdo** de Irigoyen. Azemar publicou o **Dictionnaire élémentaire annamite-français**, Saigon, 1863;

(9). — Giuseppe Tucci, **Le Missioni Catholiche e il Tibet**, en **Le Missioni Catholiche e la Cultura dell'Oriente**, Roma, 1943, págs. 228, 231.

Prononciation figurée des caractères chinois en Annamite Mandarén, Saigon, 1875. Muitas outras obras de índole lingüística são produzidas pelos missionários. Bon é o autor do **Manuel de conversation Franco-tonkinois**, Ké-so, 1889. Gaspar publicou **Dictionnaire Annamite-français**, Tandinh, 1877. Também publicou **Notions pour servir à l'étude de la langue annamite**, Tandinh, 1879. Cudrey compilou o **Dictionnaire Français-Annamite**. Gènbrel escreveu um excelente **Dictionnaire Annamite-Français**, incluindo também os têrmos da fauna e da flora da Indochina, Saigon, 1893. Jourdain escreveu a **Grammaire Annamite**, Saigon, 1865; Thiriet escreveu **Dictionarium Latino-Annamiticum**, Saigon, 1868; Vallot escreveu **Grammaire Annamite à l'usage des Français**, Hanói, 1897; **Dictionnaire Français-Tonkinois**, Hanói, 1898; **Petit Dictionnaire Annamite-Français**, Hanói, 1801; e o **Cours complet de la langue Annamite**, 5 volumes, 1897-1906. Lazare Favre, além de outros trabalhos, publicou **Dictionnaire Malais-Français**, Viena, 1875; **Dictionnaire Français-Malais**, Viena, 1880 e uma **Grammaire Malaise**, Viena, 1877. Borie escreveu vários trabalhos e o **Dictionnaire théorique et pratique de la Langue Malaise**, inédito (10).

Griffith John nasceu em Swanse a 14 de dezembro de 1831. Em 1853 ofereceu os seus serviços à Sociedade Missionária de Londres. Seu campo foi a China. Chegou a Changai em 1855. Dedicou-se ao estudo de teologia, da Bíblia em hebraico, do Nôvo Testamento em grego e do chinês com um professor. Quase todos os dias, no seu gabinete de trabalho, das oito da manhã até às 13 horas, ocupava-se em escrever livros e tratados, lendo obras importantes em chinês ou em outras línguas. Preparou uma pequena coleção de hinos na língua chamada **wen-li** e escreveu um tratado em resposta às objeções que em geral se fazem ao Evangelho. O Nôvo Testamento, que apareceu no meado do século dezenove, estava escrito em **wen-li**, obra clássica destinada às classes mais ilustres da China, porém pouco acessível ao povo em geral. Daí Griffith John ter traduzido o Nôvo Testamento no chamado **wen-li** fácil, ao alcance das classes menos cultas. Depois traduziu do **wen-li** para o **mandarim**, que é a língua falada por mais da metade da população da China. Também dedicou-se à tradução do Velho Testamento. Em 1889

(10). — Esse relato é tirado do interessante estudo do Pe. Giovanni Dindinger, **Il Contributo dei Missionari Cattolici alla Conoscenza del Siam e dell'Indochina**, publicado no vol. **Le Missioni Cattoliche e la Cultura dell'Oriente**, Roma, 1943, págs. 293-336.

a Universidade de Edimburgo conferiu-lhe o grau de doutor em teologia, tendo em vista os seus apreciáveis trabalhos. Em 1905, completou o seu jubileu de serviço missionário, tendo trabalhado na China mais de 50 anos (11).

J. Marshman, que trabalhou por muito tempo como missionário, publicou em companhia do seu colega Robert Morrison os **Evangelhos de São Marcos e de São João** em chinês, impressos em Serampore.

J. Marshman publicou uma edição chinesa-inglesa das obras de Confúcio, **The Works of Confucius**, Serampore, 1809 e também os **Elements of the Chinese**, Serampore, 1814.

Robert Morrison publicou **A Chinese Grammar**, Serampore, 1815, e igualmente estampou o **Dictionary of the Chinese Language**, cuja análise revela o valor da obra feita por L. Langlés, **Notice des travaux Littéraires des Missionaires Anglais dans l'Inde**, Paris, 1817, págs. 61-63. Esses trabalhos filológicos eram necessários a fim de que pudessem disseminar o Evangelho.

7 O Pe. W. Schmidt nasceu em Dortmund-Hoerde na Vestfália aos 16 de fevereiro de 1868 e faleceu a 10 de novembro de 1954, em Friburgo, Suíça. Foi professor da Universidade de Viena de 1920 a 1938 e da Universidade de Friburgo (Suíça) até 1951. Tornou-se universalmente conhecido pelos seus trabalhos sobre as línguas primitivas das ilhas do Pacífico e Sul da Ásia (1906), particularmente pela sistematização das línguas da Austrália (1919), pelas publicações sobre os pigmeus (1910), pela organização de expedições para o estudo dessa tribo, pelo sistema dos círculos culturais para explicação da história da cultura (1924) e principalmente pela sua obra-prima, em 12 volumes, **Ursprung des Gottesidee**, sobre a origem e desenvolvimento da idéia de Deus. Fundou a revista internacional **Anthropos** (1906), organizou a grande exposição das Missões em Roma (1925), montou o Museu Etnológico-Missionário de Latrão (1927) e fundou o Instituto Anthropos para cultura da etnologia e lingüística (1932). O trabalho que realizou sobre vários aspectos foi monumental.

O missionário evangélico H. Codrington escreveu uma obra que se tornou clássica, **The Melanesians**, Oxford, 1891. Trabalho de grande valor para a história das religiões porque trata do **Mana**.

(11). — Berry, W. G., **Griffith John ou a história de cinquenta anos de trabalho na China**, trad. de J. S. C., Lisboa, 1909.

8 A língua basca ou euscara, que vem da pré-história, passou por tradição oral, de pais a filhos. Só relativamente há pouco tempo tratou-se de fixar a língua (13). Uma das primeiras obras que fixou o idioma foi o *Nôvo Testamento Basco* do pastor evangélico João Lizarraga, impresso em Rochela, 1571 (14). Este livro é uma mina preciosa para os filólogos do euscara. Porém a primeira gramática da língua basca foi publicada pelo jesuíta Pe. Manuel Larramendi. Ele trouxe uma época nova para êsses estudos. Larramendi (Andoain, 1690, Loyola, 1766), publicou, em Salamanca, 1728, um tratado **De la antigüedad y universalidad del Bascuense en España... Demonstración previa al Arte que se dará a luz desta lingua**. No ano seguinte, 1729, em Salamanca, publica **El imposible Vencido. Arte de la lingua bascongada**, a primeira gramática basca. Trata-se de uma obra muito importante, que dá atenção à dialetologia e que não obstante o afã de reduzir à *Arte* da gramática latina a língua basca, revela análise cuidadosa. O **Diccionario trilingüe del Castellano, bascuenze y latín**, San Sebastián, 1745, é o primeiro que aparece. Ele se preocupa com a etimologia das palavras.

Outros padres escreveram trabalhos notáveis sôbre este idioma precioso para a lingüística comparada. Pena é que o espaço não permita prosseguirmos.

9 Os missionários muito fizeram para o progresso dos estudos das línguas da África, do bantu especialmente. Eis alguns nomes: Segismundo Koelle, que esteve em Sierra Leoa, enviado por uma Missão inglêsa, prestou grandes serviços à regularização de numerosas línguas africanas com a sua obra, publicada em 1854 — **Poliglota-African**. Bleek é considerado o fundador da glotologia bantu com a publicação da sua **Comparative Grammar of South African Languages**. Além do Bispo E. Steere, considerado pioneiro da filologia bantu, aparece também o jesuíta Torrend com a sua obra, uma das mais claras e úteis no assunto, **Comparative Grammar of the South African Bantu Languages**. Citemos ainda o missionário luterano C. Meinhof, que pela sua grande competência no assunto e pelos seus trabalhos, é chamado o fundador da fonologia bantu. Muitos outros missionários agiram, como se pode ver no prefácio de uma das mais eruditas obras, H. H. Johnston, **A Comparative Study of the Bantu and Semi Bantu Languages**.

(13). — Jorge Bertolaso Stella, *A Língua Basca*, in "Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo", vol. L, 1, 1954.

(14). — Jorge Bertolaso Stella, *Um Nôvo Testamento Basco*. Revista "Alfa" da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília n.º 5, 1964.

ges. Citemos por fim a **Collecção de observações Grammaticais sôbre a Língua Bunda ou Angolense** composta por Fr. Bernardo Maria de Connecattin, Lisboa, 1805.

Em outros campos trabalharam estudiosos como Pellegoix, Endermann, Christalles, Hahn, Bridges, etc.

O abade Lorenzo Hervás y Panduro nasceu de família nobre em Horcajo de Santiago, província de Cuenca Espanha, no dia 10 de maio de 1735 e faleceu em Roma em 1809.

Desterrado da Espanha com os demais padres da Companhia de Jesus, encontrou-se na Itália com missionários, vindos de tôdas as partes do globo, que lhe forneceram não somente gramáticas e dicionários, mas também notícias e dados referentes a inúmeras nações e línguas. Com tais elementos pôs mãos à sua obra monumental sôbre glotologia, sendo chamado "o pai da filologia comparada".

Escreveu em italiano e em espanhol. Suas obras em italiano são as seguintes: **Catalogo delle lingue conosciute e notizia della loro affinità e diversità**, Cesena, 1785; **Origine, formazione, meccanismo de ll'armonia degli idiomi**, Cesena, 1785; **Saggio pratico delle lingue**, 1785, **Vocabulario poligloto, con prolegomini sopra più di 150 lingue**, Cesena, 1878. Em espanhol escreveu o **Catalogo de las linguas de las naciones conocidas, y numeración, división, y clases de éstas, segun la diversidad de sus idiomas y dialectos**, 6 vol. Madrí, 1800-1805. As obras de Hervás são hoje raríssimas.

Referindo-se a Hervás, diz Beltrán y Rozpide:

"El autor fué, segun la portada de los tres primeros tomos, teólogo del decano del Sacro Colegio Apostólico, eminentíssimo señor cardenal Juan Francisco Albani y canonista del Tradatario del Santo Padre, eminentíssimo señor cardenal Aurelio Roverella. A partir del tomo IV, que és de 1804, se titula Bibliotecario de nuestro santíssimo padre Pío VII. Pertencia a la Compañia de Jesús cuando esta fué extinguida".

O sábio jesuíta reunia tôdas as condições necessárias para realizar a emprêsa a que se destinara: atividade infatigável, penetração de espírito e engenho; era classificador, arqueólogo, astrônomo, filósofo, filólogo, glotólogo de fino senso, e erudito.

Sua obra em 6 volumes contém todos os conhecimentos da época, não só de filologia em seu amplo conceito de ciência da linguagem, mas também no seu aspecto étnico, histórico e geográfico: é uma história das nações primitivas, porém não em sua acepção política, mas como grupo de homens "nascidos"

de uma mesma origem, de uma mesma família, como êle mesmo afirma na introdução do seu “Catálogo”, “a história genealógica das nações do mundo conhecidas até hoje”. A base em que apóia suas investigações críticas é a comparação das línguas das nações de que trata.

Por essa razão o livro do iluminado escritor chamou a atenção dos doutos em história e em filologia, tendo sido considerada a melhor obra sôbre o assunto. Razão teve o etimologista F. Pott em afirmar ser sua obra uma mina de material lingüístico que ainda não se esgotou apesar de haurida continuamente. Seu biógrafo diz ser o livro clássico, imenso, surpreendente, que bastaria por si só para eternizar o seu nome. De fato, a obra é rica de tábuas comparativas dos principais elementos das línguas, quadros genealógicos das mesmas, índices etimológicos, topográficos e geográficos, notas de autores consultados com indicação precisa da obra, autor, ano, lugar, etc. Pode-se afirmar que o principal e quase tudo quanto se havia impresso sôbre línguas e nações, desde os últimos anos do século XV até os dias de Hervás, aparece citado em notas — cêrca de 600 — que ilustram o trabalho, incluindo as de autores clássicos que haviam sido publicados desde a invenção da imprensa. Daí resulta, no sentir de Beltrán y Rozpie, na sua excelente análise do jesuíta, que, não sendo muito antiga a obra do célebre glotólogo, tem entretanto tudo quanto há de melhor a respeito de livros antigos, de fontes primeiras, porque resume, analisa, compara e critica o que os antigos disseram àcêrca das primeiras nações do orbe. Pode ser considerada como compêndio de tôda a investigação histórica, feita desde que o homem começou a preocupar-se com sua origem e distribuição sôbre a superfície do planeta.

Não é possível no presente artigo apresentar uma análise completa da doutrina e da obra de Hervás no tocante à Etnologia e especialmente à Filologia Comparada; apenas faremos referência a algo da sua atividade no vasto campo da Glotologia.

Ao preocupar-se com os vários meios para classificar as nações, entende que o estudo das línguas é o mais eficaz e mais importante de todos.

Conhecedor de muitos idiomas e glotólogo “stricto sensu”, sustentou que tôdas as línguas se originam de uma só língua matriz: em outras palavras, defendeu a doutrina do “monogenismo lingüístico”.

Pretendiam alguns estudiosos que a língua primitiva da humanidade fôsse a hebraica, porém, Hervás considerou errônea essa teoria, afirmando, entre outras coisas, que se poderia conceder maior antigüidade a línguas monossilábicas da Europa, da Ásia e da América.

Cauteloso, recomenda o estudo dos nomes de países, povoações, rios, etc., para ilustrar a história antiga.

Julga que a semelhança de algumas palavras de diversas línguas, no som e no significado, pode ser casual e o bom crítico deve conhecer em que língua mais que em qualquer outra pode encontrar essa casualidade. Cita o exemplo da nação araucana; suas tradições, costumes e religião coisa alguma apresentam que indique ter havido a menor comunicação com os gregos e romanos; isso não obstante, nas línguas dêsses povos encontram-se algumas palavras semelhantes às correspondentes em araucano.

Não alimenta idéias preconcebidas. Mostra-se verdadeiro cientista, modificando suas opiniões quando os fatos o aconselham. E' assim que, a respeito de línguas da extrema América setentrional, retifica juízos anteriores. Em 1784, acreditava-se que as línguas dos groenlandeses e esquimós fôsem citas, como as dos lapões e húngaros; porém, logo em seguida, tendo-lhe chegado às mãos gramáticas e vocabulários das línguas mencionadas e tendo consultado outros textos e antecedentes históricos, chegou à seguinte conclusão:

“parece que los groenlandios, como también todas las naciones de la América setentrional, pasaran a ésta, desde Asia, por el estrecho de Anián”.

O estudo das línguas indígenas da América do Norte em confrônto com as da Ásia levou-o a afirmar que os indígenas vieram da Ásia pelo estreito de Anán, isto é, Behring. Mostra a analogia entre o chinês e o otomi, língua dos primeiros habitantes do México.

A seu juízo, a América do Sul povoou-se por emigrantes do Velho Mundo extremo ocidental. Tudo isso se deu em época remotíssima.

“La sola observación”, diz êle, “de no hallarse palabras de los idiomas europeos, asiáticos y africanos en las lenguas americanas basta para comprender que la primitiva población de la América corresponde a tiempos anteriores a la dispersión del género humano; a menos que se admita, como algunos han pretendido, que las razas de América san autóctonas”.

Antes de outros estudiosos, classificou línguas indígenas da América. Foi o primeiro a reconhecer que, para estabelecer-se a afinidade entre as línguas, tem mais valor a comparação sintática do que propriamente a semelhança das palavras. É opinião também do bascólogo P. Astarloa, que a sintaxe é a alma dos idiomas.

Foi ainda êle o primeiro a provar, pelo confrônto das flexões nominais e verbais, que o hebraico forma uma só família com o caldeu, síriaco e árabe.

Chegou à conclusão de que o vasconço não é um dialeto céltico, como se pensava na sua época.

Descobriu vestígios claros de afinidade entre as línguas da Hungria, Lapônia e Finlândia, assentando assim as bases para o conhecimento da família turânica.

Antes de G. Humboldt teve o mérito de descobrir a unidade das línguas malaio-polinésicas em tôda a sua extensão, desde a ilha de Madagascar até as do Oriente.

Assinalou analogias entre o sânscrito e o grego, palavras iguais e de igual significação e as semelhanças de formas gramaticais que se observam entre a língua sagrada do Indostão e os idiomas da Grécia e de Roma. Fêz também observações práticas para provar que o conhecimento das línguas e mitologia do Indostão facilita a compreensão da mitologia e história dos persas, egípcios e gregos.

O sábio jesuíta lançou os fundamentos da lingüística comparada e o que escreveu será sempre uma fonte preciosa para a história da Glotologia.

10 No vasto campo indígena da América têm trabalhado vultos tão numerosos que dificilmente podemos mencionar neste resumido trabalho. Dentre êles citamos o Pe. José Anchieta com a sua **Arte de Gramática da Língua mais usada na costa do Brasil**, Rio de Janeiro, 1933; **Arte de Grammatica da Lingua Brasilica** do Pe. Luiz Figueira, Lisboa, 1880; **Arte de la Lingua Guarani, ó mas bien Tupi**, por Pe. Antônio Ruiz de Montoya, Paris, 1876; Gruble, **Arte da Grammatica da Lingua Brasilica da nação Kiriri**, pelo Pe. Luiz Vincêncio Mamiami, Rio de Janeiro, 1877.

O Pe. Antônio Colbacchini nasceu em Bassano del Grappa, província de Veneza, Itália, a 19 de fevereiro de 1881. Terminado seu curso, em outubro de 1893, deixou a Itália e dirigiu-se para o Brasil, fixando-se em Cuiabá, como missionário salesiano entre os índios borôros do Rio Araguaia permanecendo aí até 1936 com encargos vários. Após breve repouso, em 1949

reiniciou suas peregrinações pelo Rio das Mortes. Nomeado capelão da Fundação Brasil Central, passou a residir em Xavantina, procurando catequizar os xavantes. Em 1959 regressou à Itália, onde faleceu em 12 de março de 1960. Como missionário trabalhou mais de 50 anos no Brasil. O Pe. Colbacchini foi um trabalhador incansável, missionário e etnólogo de grande projeção. Dedicou metade de sua vida em prol dos bororos, tendo recebido muitas honras pelo seu trabalho. Escreveu muitos livros, entre os quais se destacam: **A Luz do Cruzeiro do Sul, A Cruz nas Selvas, O Mistério da Floresta**. Sua obra principal porém é **I Bororo Orarimugdoge del Matto Grosso, Brasile** (Turim, 1925), traduzida para o português com a colaboração do Pe. César Albisetti. Este trabalho foi assim definido:

“Nada de primeira ordem se escreveu sobre uma tribo brasileira como esta obra tão completa, tão profunda, tão rica em subsídios etnológicos e lingüísticos”.

Realmente esta é obra fundamental para se conhecer os bororos em seus vários aspectos.

O Pe. Angelo Jayme Venturelli e Albisetti estão preparando uma enciclopédia notável sobre os bororos da qual já saiu o 1.º volume. Cremos que será o fundamento de todo e qualquer trabalho de pesquisa no futuro sobre os bororos. A informação real da obra é como segue:

Enciclopédia bororo, vol I.

Autores: César Albisetti e Angelo Jayme Venturelli.

Faculdade Dom Aquino de Filosofia, Ciências e Letras do Instituto de Pesquisas Etnográficas. (Obra editada com o auxílio do Conselho Nacional de Pesquisas).

Publicação número I do Museu Regional Dom Bosco — Campo Grande — Mato Grosso — Brasil, 1962.

Além de outros trabalhos de missionários como **Los Shelk-mann, Indígenas de la Tierra del Fuego**, do Pe. José Beauvoir, Buenos Aires, 1915; **Maggiorino Borgatello, Nella Terra del Fuoco**, Turim, queremos destacar o livro do Pe. Antônio Tonelli: **Grammatica e Glossario della Lingua degli Ona-Selknänn della Terra del Fuoco**, Turim. Este trabalho é baseado no material do Pe. Giovanni Zenone e com certa orientação do Prof. Alfredo Trombetti.

11 Estes traços bastam para mostrar quanto os missionários, de uma forma ou de outra, fizeram em favor do estudo das línguas e da ciência da linguagem. Dizer o que eles têm feito, por meio do Cristianismo, em prol dêste ramo do espírito humano, seria quase escrever a **História da Glotologia**.

JORGE BERTOLASO STELLA